

# Consumo e Defesa

## Contribuição para uma Visão Aprofundada da Defesa Nacional

ALBERTO CARRACEDO, ME.

**A**spectos que têm a ver com questões cotidianas e essencialmente domésticas, tais como o consumo de inúmeros bens e serviços, muitas vezes passam despercebidos aos nossos olhos. Não é que não percebemos, mas que, na pressa de fazer a compra e na ânsia do prazer prometido, ou também, com relação à padronização das operações e métodos propostos pelos serviços com os quais satisfazemos nossas vidas, não paramos para pensar nas razões pelas quais eles chegaram às nossas propriedades, famílias ou a nós mesmos, ou pior ainda, nas mudanças que eles produzem na sociedade.

Uma pausa no caminho, para tomar consciência das razões e consequências dessa existência de posse e prazer, pode ser uma boa oportunidade para contribuir para um conceito mais profundo de Defesa Nacional, que talvez requeira ir além de estar preparado para fornecer uma solução militar aos problemas nacionais. Pode ser que seja necessário providenciar outras medidas de proteção para o que é tangível ou simbólico, que vem anexado ao que acaba em nossa casa ou bolso.

### O consumo como termômetro do que somos

Há muitos anos, Marx e Engels já observaram - na minha opinião - um fenômeno crescente do qual eles não poderiam ter imaginado a dimensão que acabaria tendo.

O que eles observaram?

Para começar, vale a pena partir da burguesia sem a cobertura ideológica com a qual ela é frequentemente apresentada, e ninguém melhor que Hobsbawn, ao descrever o mundo burguês europeu da segunda metade do século XIX desta forma: “...a burguesia já não vivia no seio de uma economia familiar de escassez, ou em um tipo de sociedade muito distante das tentações da alta sociedade. O problema deles era o de gastar, em vez de economizar” (2005, p. 245).<sup>1</sup>

Uma mostra clara do comportamento social predominante da classe que se beneficiou do industrialismo incipiente, especialmente focado no consumo, pode ser observada quando o autor pergunta enfaticamente: “*como poderia o burguês triunfante, quer tivesse ou não poder político como classe, demonstrar suas conquistas, se*

não gastando? O termo *parvenu* (novo rico) se converteu automaticamente em sinônimo de *gastador*” (2005, p. 245).<sup>2</sup>

Esse comportamento é marcante, sobretudo porque destaca o desejo daqueles que antes não se sentiam parte importante da sociedade e, a partir da possibilidade oferecida pelos lucros industriais, entenderam que a posse era muito mais do que prazer, era pertencimento, elevação social. Daí a necessidade induzida de consumir.

O autor britânico de alto prestígio sintetiza: “*Assim, os objetos eram mais do que apenas ferramentas, eram símbolos de status e de realizações. Eles tinham valor em si mesmos como expressão de personalidade, como programa e realidade da vida burguesa e até mesmo como transformadores do homem*”<sup>3</sup>(2005, p. 240).

O que Marx e Engels observaram é como esse fenômeno deve ser replicado em todo o mundo pelo afã do intercâmbio que gera e as consequências sociais daqueles que poderiam desfrutar dele e daqueles que deveriam se submeter a ele, e que: “*Impulsionada pela necessidade de encontrar saídas cada vez maiores para seus produtos, a burguesia está viajando pelo mundo todo. Ela precisa se aninhar em toda parte, estabelecer-se em toda parte, criar vínculos em toda parte*”<sup>4</sup> (2006, p. 28).

Assim, no primeiro anúncio de globalização que conhecemos, os acima mencionados - independentemente das interpretações políticas que são geradas - colocam sobre a mesa uma mudança comportamental que inclina o comportamento social em uma ação de consumo que poderíamos chamar de *exigência*. Ela é impulsionada não pela simples posse, mas pela mudança de status social que gera, no desejo de pertencer por ter e não apenas de ter para desfrutar.

Foi o francês Gabriel Tarde quem mais tarde observou, de forma profunda, que as questões de consumo se baseiam em aspectos muito distantes da mera necessidade fisiológica.

Ele argumentou, em vários trabalhos separados, que o consumo resulta da interação de duas causas psicológicas: o desejo e as crenças. A partir disso, seus discípulos, os verdadeiros fundadores da psicologia econômica, propuseram que a decisão individual de consumir qualquer bem ou serviço esteja enraizada em uma função de consumo (que eles chamaram de *Causalidade do Comportamento Econômico*) que resulta em um conjunto intrincado de valorizações pessoais e influências sociais, incluindo a imitação e a inovação.

Gabriel Tarde nos oferece uma visão muito mais introspectiva do consumo, já não apenas uma reação às necessidades, mas uma forma de o indivíduo expressar o que ele ou ela é, através da interação social. Em resumo, uma visão *psicológica* do consumo.

Já no contexto contemporâneo, Roberta Sassatelli apresenta uma crítica ao enfoque estreito com que o tema do consumo tem sido estudado, pois os resultados

não levam em conta as razões individuais e sociais íntimas por trás das decisões do consumo.

Todo um universo de complexidades que se combinam no consumidor, desde o gosto pessoal - que está fortemente enraizado na reprodução social que o indivíduo vivencia -, a existência de uma quantidade sempre crescente de bens e serviços com diferentes graus de qualidade e aplicação e um fluxo crescente de dados de uma parte do mundo para outra, informam os consumidores sobre o que e para que consumir.

O consumo torna-se, então, um sintoma da ebulição social em termos de desejos e satisfações, recursos disponíveis e vontade de tê-los e de *ser* a partir do que se consome.

O que poderia ser considerada uma identidade assumida ou exibida a partir da prática diária do que se consome, onde o indivíduo já não é pelo produto escolhido, mas o produto escolhido representa o que a pessoa quer ser.

Tanto assim, que essa acadêmica italiana propõe duas desagregações ao estudar o fenômeno do consumo, com um forte enfoque no aspecto social. Em primeiro lugar, o *consumo chamativo* (2012, p. 99) que é o consumo em que um indivíduo realiza para demonstrar algo aos outros, mais que para saciar seu desejo pela mercadoria em questão.<sup>5</sup>

Esse é um exemplo claro do que podemos observar quando um indivíduo adquire uma determinada marca de telefone celular, não tanto pelas utilidades que ele possui - que a pessoa geralmente nem sequer descobre quais são - mas para poder se exibir com o aparelho em uma demonstração de que se tem os recursos para adquirir tal tecnologia.

A segunda categoria é determinada por ações de consumo que procuram expressar a identidade ou reforçar o mesmo consumidor com essa identidade em formação, no desejo de pertencer a um determinado grupo, de explorar essa identidade em construção, de ver a si mesmo como diferente da maneira como outras pessoas se mostram.

Este *consumo subversivo* (2012, p. 121), como a autora acima mencionada o denomina, pode ser apresentado de determinadas formas, tais como a *do contra*, que é a posse e exibição de artigos para demonstrar o fato de pensar ou fazer algo diferente (por exemplo, em nossos dias, o uso de lenços de cores diferentes para indicar o posicionamento sobre um determinado assunto), a *resistente*, que consiste em, pelo que é consumido, não aderir aos cânones socioculturais (o movimento hippie era um caso extremo de não-consumo para contrariar a sociedade consumista).<sup>6</sup>

E, finalmente, a forma *externa* que busca um desenvolvimento alternativo e em paralelo com o estabelecido, como a participação em um grupo de motoqueiros

dos anos 60, ou - poderíamos discutir isso – fazer parte de uma “mara”, o que implica migrar para outra sociedade, com suas próprias regras e onde o consumo adquire uma relevância simbólica determinante.

Em suma, uma visão não mais do consumo como atividade cotidiana do indivíduo, mas de como, através dele, surgem questões sociais, tentativas de pertencer, de se conectar, de se destacar.

O consumo se transforma em um vetor simples sobre o qual questões, que devem ter um impacto transcendental nas modificações culturais de uma sociedade, cavalgam, muitas vezes de forma sobreposta. Assim, o consumo deixa de ser apenas uma variável quantitativa para medir o desenvolvimento econômico; assume a possibilidade de ser uma medida de evolução, de mudanças; pode ser tanto uma máscara para disfarçar ideias, conceitos ou ideologias; ou pode ser usada como uma arma precisa para aniquilar os fundamentos culturais mais sólidos. Uma substância legal para exaltar de forma viciante nosso hedonismo e anular a nossa mais profunda espiritualidade.

A vasta gama de bens e serviços atravessa idiossincrasias, regiões geográficas, vínculos e relações pessoais, formatos familiares, modos de administração, etc. A tecnologia fomenta este êxtase de satisfações, alegrias e exibicionismo de papéis sociais fingidos e, às vezes, se transforma em um produto que, prometendo a chegada do futuro e o domínio dele, só torna a vida extraordinariamente complexa para os consumidores que parecem assumir esse papel com maior comprometimento do que o de cidadãos.

*É claro que, a estas alturas, você, leitor, já deve estar se perguntando o que isso tem a ver com a Defesa Nacional.*

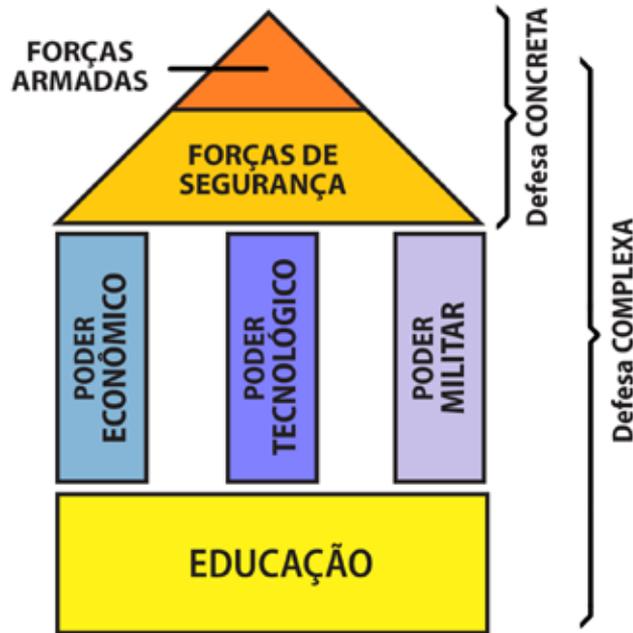
## **Como pensar sobre a Defesa do essencial**

Estamos acostumados a uma concepção de Defesa baseada na ideia mais primitiva de salvaguarda, da arma como um poder não só para resolver conflitos, mas também para preveni-los, com base no dispositivo de ação-reação que tem sido o iniciador de inúmeros atos de guerra.

Em geral, as ferramentas sobre as quais repousa esta visão de *Defesa Concreta* tendem a ser objeto de grande debate em cada sociedade, devido aos princípios morais de sua utilização, aos gastos orçamentários que exigem e às modernizações que são necessárias, não só em questões técnicas, mas também em termos de adaptação das instituições que regem o funcionamento dos Estados.

Concreta, por resultar de uma decisão reacionária em seu uso e gerar, em sua aplicação, o efeito irreversível de uma força militar - em resposta a agressões externas - ou de uma força de segurança em casos de agressão interna.

Entretanto, devemos considerar uma visão mais abrangente do corpo social, que aborde as convulsões dos contextos atuais e futuros que o afetarão; que se revelará em defesa da própria formação dos cidadãos, bem como das formas em que eles interagem, dos laços que os unem, de seus valores, de seu comportamento. O desafio de proteger a multiplicidade de aspectos do desenvolvimento de uma sociedade, é um conceito superior de *Defesa Complexa*.



**Figura. Corpo Social**

Fonte: Autor

É facilmente compreensível que, em tempos de turbulência e confusão global (como o da atual pandemia), a proposta de uma compreensão mais profunda do conceito de Defesa possa resultar anedótica, apta para a verborreia pouco científica, um trato para o apetite irrefreável das lideranças, todas muito inclinadas a pegar conceitos saudáveis e excretá-los como más práticas.

Entretanto, é precisamente o que tem sido observado nas respostas à crise; ficam claras as deficiências da administração do Estado, que se concentra principalmente na continuidade da ineficiência e na beneficência da família política, que demonstra falta de gestão estratégica, falta de compreensão do comportamento da própria população que deve proteger e, acima de tudo, é dolorosamente indiferente quando se trata de tomar decisões críticas, que nos leva a repensar qual é, realmente, o conceito de Defesa.

Da mesma forma, outros eventos ocorridos deveriam ter nos alertado para superar a visão mesquinha, técnica ou legalista – de acordo com o politicamente correto e desejado – relativa à proteção da sociedade. Assim, por exemplo, pode-se explicar o por que do fracasso da luta contra as drogas ilegais nas mãos das Forças de Segurança e, em alguns países, das Forças Armadas, uma vez que a raiz do problema é uma questão de saúde pública, e sua prática e comercialização, uma trama complexa dentro do tecido social.

Entretanto, em alguns países, parece ser prática comum atribuir essa derrota à ação policial ou militar, atitude apoiada por políticos – especialmente durante campanhas eleitorais –, por instituições que defendem direitos mas não obrigações e, num aparente estado de estupor do cidadão, pela mesma sociedade que ignora o problema na rua e, às vezes, o sofre apaticamente em casa.

Não há, pelo menos em meu país, nenhuma entidade que lide com a difícil tarefa de defender a população dessa e de outras agressões, que assuma o estudo da complexidade do assunto, desde o efeito da saúde individual até as externalidades sociais que submergem os cidadãos em uma vida de sofrimento, desesperança e criminalidade. Sem falar em analisar, por exemplo, o impacto que os sistemas de saúde e os sistemas carcerários sofrerão pela ação direta do uso de drogas pelos jovens, quando os danos e a multiplicidade de repercussões criminais para as infrações associadas ao uso e comercialização de drogas se tornarem aparentes.

O conceito de *Defesa Complexa* supõe se desfazer da inércia dos fracassos anteriores, a idealização de ferramentas institucionais que busquem promover boas relações entre os países e a resolução de disputas dentro de uma mesma sociedade.

As boas intenções são apenas isso, boas intenções; não implicam que elas sempre levarão a soluções concretas. E as verdadeiras soluções sempre surgem ao reconhecer os problemas, ao ter uma decisão firme de ação e ao assumir os custos da aplicação da ciência, técnica ou prática que irão sanar uma situação danosa.

O futuro não promete ser um mar de rosas; pelo contrário, o anúncio da disputa não só do corpóreo, do prático, do elaborado, mas também do intangível, do espiritual e do vincular, tem se manifestado de forma sub-reptícia e está se espalhando pela face da terra com a liberdade com que a tecnologia impacta em cada cérebro, no prazer que cada produto promete, no comportamento que cada conduta imitada provoca.

A evolução do estudo do consumo mostra apenas que não estamos à altura das circunstâncias, de poder prever o processo crescente do qual fazemos parte, nem de suspeitar dos efeitos do amanhã.

O consumo, seus efeitos e os comportamentos desencadeados pelo infortúnio de não possuir o que os outros têm, mesmo que não saibamos bem para que servem, nos fazem supor a potência do tsunami cultural que se aproxima. É que,

como já foi mencionado anteriormente, já vem sendo gestado há bastante tempo, no que representou a vitória industrial do homem sobre o mundo, sobre o problema da escassez, dos subprodutos do desenvolvimento humano.

Precisamente a partir do consumo, na compreensão do mesmo, no seu estudo, poderia ser conveniente nos afastarmos da medição nominal, da identificação comercial que se retroalimenta de sua própria essência: o benefício por si só. Assumir isso como o sinal de nossa metamorfose como indivíduos, como sociedade, como uma vestimenta do futuro que se aproxima inexoravelmente, seria um exercício saudável para não ceder à prática que reflete o que supomos ser e entrar na revelação introspectiva do que queremos ser, que é definitivamente o que devemos defender.

Segundo Sassatelli, o consumo atual “é uma prática social e cultural complexa, interconectada com todos os fenômenos mais importantes que têm ajudado a definir as sociedades ocidentais contemporâneas: a difusão da economia de mercado, a globalização progressiva, a criação e a recriação das tradições nacionais, o desenvolvimento dos meios de comunicação...”<sup>7</sup> (2012, p. 21). Em resumo, é a força que nos transforma, cabe a nós decidir em quê.

A sequência de visões dos autores acima mencionados mostra que a sua evolução passou diante de nós como um filme, podendo seguir o homem desde o casulo até o enxame. Mas, evidentemente, estávamos bastante distraídos na conquista de uma vida supostamente encantada.

Pobre Marx, quem diria que a sua observação sobre o perigo que rondava sobre o homem e ofuscaria o seu desenvolvimento para transformá-lo em mercadoria, ficaria entremeada entre a reação de seus contemporâneos e as influências insanas daqueles que hoje, supostos seguidores, passaram para uma fase evolutiva que não busca mais a mercantilização do indivíduo, mas transformar a sua essência em ideologia.

O final resulta da mesma maneira, não sendo você mesmo e assim não contribuindo para o que desejamos ser como sociedade; por um lado, transformando-nos no que compramos e por outro, repetindo utopias ou ressentimentos como papagaios. Insisto, pobre Marx. Não merece ser relegado como sociólogo e filósofo para ser exaltado como um campeão da submissão intelectual de camiseta velha desgastada.

É por isso que a educação é fundamental para gerar as ferramentas necessárias sobre as quais basear este conceito de *Defesa Complexa*. Mais que fundamental, é fundacional.

É necessário que os sistemas educacionais sejam obrigados a se reeducar porque o conhecimento, de que tanto se fala hoje, não é uma camada de tinta aplicada em um processo de produção em linha. Além da ciência, a amálgama de princípios, os valores e o combustível são necessários para transformar, acima de tudo, os profissio-

nais em pessoas com forte convicção de que suas capacidades poderão gerar as mudanças necessárias e não apenas participar inercialmente do que vem fracassando.

A especialização é fantástica e significa analisar profundamente os diferentes problemas, mas é defeituosa quando não surge da mesma base de sentimentos centrípetos em relação ao que é comum, ao que pertence a todos, ao que nos move sem distinções.

Sem isso, não há poder econômico sustentável ao longo do tempo, mesmo quando riquezas cada vez mais cobiçáveis são contadas até o esgotamento, pois o significado da riqueza de uma nação não residirá em sua posse intocada, mas em seu uso como verdadeiro combustível para o futuro. A posse é passível de perda, especialmente quando não se tem *Defesa Concreta* e, pior ainda, de cessão, quando são tomadas decisões para a conveniência do presente, a fim de satisfazer a voracidade administrativa e a mesquinhez da liderança.

Também não é possível fazer bom uso da tecnologia se não se entender que ela não gera bem-estar por si só, mas somente quando o homem é capaz de interagir com o ambiente que o contém, com os outros com os quais ele deve formar uma unidade.

A utilidade da tecnologia não está em possuí-la, mas em usá-la responsabilmente de forma a produzir benefícios concretos e tangíveis. Pobre da sociedade que acredita que, porque seus alunos do jardim de infância podem pesquisar no Google, falar um pouco de inglês e fazer uma videochamada com seus avós, terão a garantia de um lugar entre os vencedores da competição global.

Em todo caso, cada um deles será um tijolo frágil na defesa, mal cozido, oco. Pode ser um adulto que pensa apenas no que uma tela lhe dita, não conhece a língua de sua própria história e está feliz porque acha que seus netos são gênios, por fazerem uma chamada de vídeo.

Finalmente, a não aceitação de que o aparato militar não é apenas uma combinação de armamentos e pessoal - geralmente mal preparado e mal pago - irá impor a exacerbação da velocidade com que o mundo da escassez olhe em nossa direção. Grande é a tentação sobre quem tem e não cuida. Você pode não falar com os vizinhos, mas isso não significa que você os deixe entrar em sua casa para levar o que eles queiram.

A rediscussão sobre o papel do poder militar não deve esperar por contingências que levem ao seu uso. É lamentável observar, a partir da pandemia que estamos vivendo, como as sociedades que permitiram a minimização de suas Forças Armadas tenham que admitir, a partir da proximidade do cheiro da morte, que elas deem de comer e recolham cadáveres. É a aceitação de que em situações excepcionais, atuais e futuras, o poder militar é o único capaz de superar os danos e ocupar os espaços que, por uma miríade de razões, foram abandonados pelos ou-

tros órgãos do Estado. É ainda mais triste se esta missão subsidiária do poder militar for disfarçada de façanha para distrair com aplausos uma situação que deveria alertar o cidadão.

Pode ser que seja um capricho gastar em demasiado com material de guerra, mas também é uma insensatez reduzir o poder de uma força que está preparada para ir ao limite, por não entender seu uso final ou, pior ainda, por causa da falta de apreço, baseado em ideologias estrangeiras.

Somos obrigados a pensar em *Defesa Complexa*. A obrigação é para com aqueles que nos seguem, para os quais seremos quem irá guiá-los no caminho certo ou a condená-los a aceitar o que está por vir.

### O futuro não está tão distante

O campo de batalha não será apenas a terra, o mar ou o céu; será todos os aspectos da vida. As balas poderão ser chumbo, assim como comportamentos; bombas altamente destrutivas como proclamações sensualmente sugestivas. As aeronaves de combate não são apenas sistemas de armas, mas também informações insidiosas, prejudiciais e letais. O mal, a guerra ou um vírus.

Um comandante militar ainda será necessário para resolver os feitos da *Defesa Concreta*. Mas será necessária uma sociedade educada, segura do que sente e quer, e comprometida com seu próprio ser, quando as reviravoltas do destino nos colocarem em posição de exercer a *Defesa Complexa*.

Certamente há uma coisa que não mudará, seja em uma ou outra; o esforço não estará na trincheira, estará na preparação do pessoal, seu treinamento, suas ferramentas, sua disposição para dar suas vidas por aqueles que ficarem para trás. Na trincheira só haverá, como sempre, a vitória e a derrota, combinadas no sofrimento daqueles que lutam e no esquecimento daqueles que não sacrificaram nada. □

## Notas

1. Hobsbawn, Eric. *A Era do Capital, 1848 – 1875*. 2005. Crítica, Argentina, Quarta edição. ISBN 987-9317-07-6. P. 245.
2. Ibid.
3. Hobsbawn, Eric. *A Era do Capital, 1848 – 1875*. 2005. Crítica, Argentina, Quarta edição. ISBN 987-9317-07-6. P. 240.
4. Marx, Karl y Engels, Friedrich. *Manifesto Comunista*. 2006. Nossa América, Argentina, Segunda edição. ISBN 987-1158-20-3. P. 28.
5. Sassatelli, Roberta. *Consumo, cultura e sociedade*. 2012. Amorrortu, Argentina. ISBN 978-950-518-666-2. P. 99.
6. Sassatelli, Roberta. *Consumo, cultura e sociedade*. 2012. Amorrortu, Argentina. ISBN 978-950-518-666-2. P. 121. Sassatelli, Roberta. *Consumo, cultura e sociedade*. 2012. Amorrortu, Argentina. ISBN 978-950-518-666-2. P. 121.
7. Sassatelli, Roberta. *Consumo, cultura e sociedade*. 2012. Amorrortu, Argentina. ISBN 978-950-518-666-2. P. 121. Sassatelli, Roberta. *Consumo, cultura e sociedade*. 2012. Amorrortu, Argentina. ISBN 978-950-518-666-2. P. 21.



### **Alberto Carracedo, Me.**

Ex-oficial do Exército Argentino, Licenciado em Administração, Mestre em Administração de Empresas. Kursou o Mestrado em Inteligência Estratégica na Universidade Nacional de La Plata (UNLP). É professor de graduação e pós-graduação e analista de questões de segurança e defesa sob uma perspectiva das ciências econômicas.